

Plágio acadêmico

Nos diferentes níveis de ensino, escutamos os professores reclamando da geração *Control C Control V*, aquela que, nos bancos escolares, não apresenta trabalhos acadêmicos originais. Sabemos que esse fenômeno não é novo, mas que tem sido altamente facilitado pelo uso de ferramentas eletrônicas que tornam mais simples a localização de textos com o conteúdo desejado para a produção de um dado trabalho. Uma dificuldade dos alunos é o desenvolvimento da habilidade da escrita acadêmica, que deve ser fundamentada, recheada de citações e transcrições referenciadas, que, por sua vez, precisam estar integradas ao texto elaborado. Ao receber essa orientação, muitas vezes os alunos encontram dificuldade ao estabelecer o limite para a referência ou a transcrição de ideias de maneira acadêmica, e a transcrição desenfreada de ideias acaba caracterizando o plágio, ou a cópia. A palavra *plágio*, que vem do latim *plagiū*, significa *oblíquo* e designa *cópia*; assim sendo, não estamos equivocados ao dizer que muitas vezes os alunos copiam textos ao elaborar seus trabalhos acadêmicos.

Essa realidade favoreceu o desenvolvimento de programas que ajudam os professores a identificar textos copiados mediante a digitação de parte deles, como o programa Softonic ou o Agente de Buscas de Similaridades, considerado “dedo-duro” pelos alunos. No entanto, é preciso considerar também o quanto de cópia de um determinado texto pode ou deve ser considerado plágio. Como não existem padrões pré-determinados no mundo acadêmico, cabe ao professor desenvolver nos seus alunos a capacidade de produção escrita acadêmica, enfatizando a importância da perspectiva ética na produção original de textos. Para isso, é importante desenvolver neles as competências necessárias para identificação de fontes de informação, incluindo-as corretamente nas referências dos trabalhos realizados.

Como nosso foco nesta coluna é a tecnologia educacional, não podemos deixar de lembrar que a causa atual do plágio acadêmico não se deve à presença da tecnologia na sociedade. Talvez ela o facilite, por dar acesso às informações; mas uma questão que se apresenta como desafio, na minha visão, é a competência docente para elaborar e apresentar aos alunos questões pedagógicas mais instigantes, que lhes permitam elaborar seus textos acadêmicos com o uso da tecnologia. Essas questões, no entanto, não devem ser propostas repetitivas. O desafio contra o plágio está centrado na figura do professor: planejador, desenvolvedor e avaliador de atividades de aprendizagem. ■



Lígia Silva Leite
Pós-doutora em Tecnologia Educacional e professora adjunta em cursos de mestrado e doutorado
ligialeite@terra.com.br